

REINO DE DEUS E A SOCIEDADE: UMA PERSPECTIVA EVANGÉLICA

Geoffrey Allen

(Os pontos de vista expressados pertencem ao autor e não representam necessariamente ao movimento eclesialístico do qual é membro)

Através da maior parte da história do cristianismo, os cristãos (ainda que em desacordo com ela) tem sentido a tensão que o evangelho gera sobre as vidas, energias e recursos dos cristãos e a Igreja com respeito as demandas "deste mundo" e as "do outro mundo". Neste artigo procuraremos analisar esta tensão e fazer algumas propostas sobre a maneira de encarar sua resolução desde a perspectiva e a luz dos valores e prioridades do cristianismo evangélico.

1. Prioridades no Novo Testamento

Como evangélicos, sustentamos que a Bíblia é normativa, a autoridade suprema tanto em matérias de doutrina como de vida. Por tanto, a primeira pergunta que devemos fazer é: "Qual é o ensino do Novo Testamento e de que maneira define prioridades que papel faz os cristãos e sua influencia sobre a sociedade?"

Ainda em uma leitura superficial do Novo Testamento mostra com muita clareza que tanto para seus protagonistas como para seus autores, a perspectiva predominante é a do "outro mundo". Tanto Jesus quanto os apóstolos dedicaram seus esforços a proclamação do Reino de Deus "em palavras e em obras"¹ pelo poder do Espírito Santo. Sua prioridade era fazer que os homens e mulheres se voltassem a Deus em arrependimento e que colocassem sua fé em Cristo, isto, para entrar em uma salvação que não era meramente uma confissão de um credo ou doutrina, mas uma poderosa transformação de estilo de vida, valores e prioridades; para se converter em membros eficazes, que funcionaram e se reproduziram dentro do Povo de Deus, a Igreja. Olhavam para a Igreja como um povo cujo destino era a eternidade muito mais que este mundo. Parece haver dado pouca consideração a qualquer projeto referido a transformação da sociedade, tanto mais quanto estavam motivados por um poderoso sentido de urgência escatológica. Como expressa o apóstolo Paulo: "*não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.*"²

Tanto Jesus como seus discípulos estabeleceram uma clara distinção (seria melhor dizer um "contraste") entre o "Reino" e o "mundo".³ Se vê o mundo como um sistema hostil e ao Seu Messias⁴, e o chamado do evangelho é

“sejam salvos dessa perversa geração”.⁵ Apesar de que, aqueles que entram no Reino de Deus em sua presente realidade, e portanto se unem para formar a Igreja, são chamados a permanecer no “mundo” ainda sem pertencer a ele, como testemunhas da Luz em meio a uma escuridão opressora.⁶

Este testemunho claro das prioridades do Novo Testamento, nos permite tirar uma conclusão imediata e fora de moda: que nós também deveríamos adotar a mesma escala de prioridades. Deus chama seu povo principalmente a “se atentar para as coisas que se não veem, que são eternas e a buscar as coisas de cima”⁷ mais que o presente, visível e temporal. Obviamente, o último inclui certos benefícios inquestionáveis como a saúde física, prosperidade econômica, justiça social, a paz tanto dentro da sociedade como entre as nações.

2. A dimensão escatológica

Uma segunda conclusão preliminar é que devemos cuidar para que não se apague as barreiras entre o “mundo” e a “Igreja”, tal como tem sido caracterizado a maior parte da história do cristianismo (incluindo o protestantismo) desde o tempo de Constantino em diante. Esta tentação, muitas vezes, tem se revestido de excelentes e persuasivas motivações, como a influencia benéfica do cristianismo na sociedade. Apesar de que, a longo prazo, o resultado quase sempre tem sido que o “sal” tem acabado se desvanecendo⁸, entrando em fusão com o “mundo” que o rodeia, ao ponto de se voltar a praticamente impossível de distinguir.

É verdade que as Escrituras profetizaram um tempo em que os “Reinos do mundo serão de nosso Senhor e de Seu Cristo”⁹ mas a maneira que isso vai se concretizar, resulta decisiva ao determinar nossa atitude ou nossas tentativas de mudar as coisas para melhor no presente.

Aqueles que sustentam uma escatologia pós milenar espera que o mundo seja redimido e conduzido a obediência de Cristo através do esforço da Igreja, sem nenhuma intervenção sobrenatural decisiva da parte de Deus. Apesar de que, semelhante escatologia agora raramente se encontra entre os evangélicos, a maioria dos que sustentam ou a uma interpretação pré milenarista (de um tipo ou de outro), frequentes entre os pentecostais e carismáticos assim como também entre os irmãos livres e os batistas, ou um pos milenarista, comum entre os evangélicos históricos tais como os presbiterianos e anglicanos, e também entre os católicos romanos. Aqueles que sustentam essa escola de pensamento escatológico geralmente são pessimistas em quanto a possibilidade de qualquer transformação radical e permanente da sociedade através da influencia do evangelho, que deverá esperar a vinda de Cristo “regerá com vara de ferro a todas as nações”¹⁰

Então qual é a garantia Bíblica de que o esforço dos cristãos pode fazer do mundo atual, um lugar melhor? Essencialmente é uma questão que se deriva das implicações praticas do segundo grande mandamento: “amarás ao teu próximo como a ti mesmo” e da exortação apostólica: “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé.”¹¹ O grau de oportunidade que teremos dependerá de muitos fatores distintos, incluindo as circunstancias da nossa vida e o dom particular e chamado que cada cristão receba de Deus. Alguns, sem dúvida tem sido chamados a projetos sociais em particular, a realizar campanhas politicas ou a perseguir o exercício do poder politico pelo bem do Reino de Deus, cuja primeira característica é a justiça.¹² Essa justiça não é (como o cristianismo debaixo da influencia do individualismo como supomos com frequência) meramente um piedade e uma retidão pessoal, mas sim que abraça a consequência da justiça social, tal como o demonstram as constantes exortações de todos os profetas do Antigo Testamento: “Aprendeí a fazer o bem, atendeí a justiça, repreendeí o opressor, defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas.”¹³

3. As consequências sociais do Reino

Não se questiona que o poder do evangelho transforma (e de fato deveria fazê-lo) a conduta e o estilo de vida daqueles que creem. "A fé sem obras é morta".¹⁴ Portanto, as relações sociais entre os cristãos devem ser transformadas, e o serão. Tertuliano informou assertivamente que os oponentes ao cristianismo afirmam: "olhem como se amam uns aos outros....e como estão dispostos a morrer uns pelos outros."¹⁵ O chamado de Cristo aos seus discípulos é que sejam "o sal da terra e luz do mundo".¹⁶ A Igreja, como expressão visível e presente do Reino, é chamada a ser uma "sociedade alternativa" que viva por normas diferentes daquelas que em geral seus vizinhos praticam; a Igreja primitiva em Jerusalém, tal como a descreve os primeiros capítulos de Atos, constitui um exemplo extraordinário disso. Não somente no que se faz em sua relação interna, mas também em sua maneira de tratar os de fora, a Igreja deve mostrar a realidade do Reino e mostrar que o Espírito de Cristo mora dentro dela. Devido a isto, por exemplo, Jesus ensina aos seus discípulos um estilo de liderança radicalmente novo: "Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes: sabeis que os que são considerados governadores dos povos tem-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim, pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos."¹⁷ Em tanto que este ensino se aplica em primeira instância ao exercício de autoridade dentro da comunidade cristã, é evidente que a atitude que Jesus ensina, deve aplicar-se também a liderança exercida pelos cristãos que ocupam postos seculares de autoridade, seja na família, nos negócios, em quanto a aplicação das leis ou em postos de poder político.

4. O caso da escravidão

A parte do casamento e da família, a área de relações humanas que o Novo Testamento aborda com maior frequência é a relação entre amos e escravos. Não é um resultado surpreendente, o dado que a escravidão era universal dentro do mundo antigo (e também o tem sido através da maior parte da história até os tempos modernos), e a primeira geração dentro da Igreja incluía muitos escravos e muitos proprietários de escravos.

O que muitos leitores modernos se surpreendem, apesar de, em nenhum lugar, os escritores do Novo Testamento, propõe a abolição da escravidão, ou que os cristãos devessem defender essa ideia. (Em todo caso, isso tivesse sido constituído um objeto muito pouco realista, dada pela pouca quantidade de cristãos que havia, ou sua influência limitada ou inexistente nesse tempo). Tampouco em nenhum lugar se sugere que os cristãos donos de escravos deveriam liberar seus escravos de forma habitual, e só oferecem um morno apoio ao desejo dos escravos cristãos em quanto a obter sua liberdade.¹⁸

O que o Novo Testamento ensina em uma quantidade de passagens, por outro lado, é a transformação das relações entre amos e escravos. Aos escravos cristãos os exorta a trabalhar esforçadamente ainda sem supervisão, como servindo a Cristo, o Amo de todos¹⁹, a respeitar aos seus senhores ainda que estes sejam ásperos e injustos, e até aceitar a castigos imerecidos sem queixa.²⁰ Mas as instruções para os proprietários de escravos, são talvez mais radicais. Lhes diz que se lembrem que eles também são escravos de Cristo, e que terão que prestar contas diante Dele como Dono e Senhor tanto deles como de seus escravos, e que Ele não faz diferença entre os escravos e seus donos. Também afirma que diante dos olhos de Deus não há distinção entre um escravo e um homem livre, mas que em Cristo todos temos o mesmo status diante Dele, e uma posição igual dentro da Igreja.²¹ Da mesa do Senhor, escravos e amos participam em um pé de igualdade.

A ilustração mais clara do tipo de transformação produzida ao tomar consciência disso, encontramos na breve carta de Paulo a Filemom, as vezes descuidada mas encantadora. Ali o apóstolo, desde a prisão (provavelmente em Roma), escreveu a um velho amigo,

que aparentemente era um dos líderes da Igreja de Colossos. A carta ia ser entregue por Onésimo (o nome significa "Útil" e deu a Paulo ocasião de fazer um pequeno jogo de palavras no versículo 11). Segundo a maioria dos intérpretes, Onésimo era um escravo de Filemom, que havia escapado, e ao tentar levar a cabo sua fuga, aparentemente havia roubado seu amo para a provisão de seu escape.²² Mas logo ao chegar a Roma (como faziam muitos outros em condições similares para buscar o anonimato e se misturar na multidão), havia entrado em contato com alguns cristãos, se havia convertido e voltou a ser "Útil" ao apóstolo encarcerado.

Debaixo da lei romana não havia limites para a severidade do castigo, que um amo poderia aplicar em seus escravos. Aos que escapavam, com frequência eram marcados com um fero fervendo, além dos prováveis acoites e prisão.²³ Mas Paulo, que não evitou recorrer a uma pequena chantagem moral (vs 17 e 21), pede ao seu amigo que receba Onésimo "não como escravo, antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo, especialmente de mim e, com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor. Se portanto, me consideras companheiro, recebe-o, como se fosse a mim mesmo."²⁴ Na realidade parece uma marcada insinuação em quanto ao que Paulo está pedindo a Filemom que conceda a Onésimo a liberdade e que o envie de volta a Roma. Mas de todo caso, pedir ao dono de um escravo que lhe receba de volta como a um "irmão amado", depois deste haver fugido, tratando-o como se fosse o mesmo grande apóstolo, é algo verdadeiramente radical. E não parece ter sido nada excepcional dentro da Igreja primitiva.

Podemos notar, então, que para a primeira geração de Cristãos, o conteúdo da conduta e da forma de relacionar-se com os demais, era muito mais importante que qualquer esforço dirigido a mudar as formas externas. Nos Estados Unidos, depois que a escravidão foi abolida, formalmente na década de 60, a discriminação, a opressão, a exploração, continuaram de outras formas. Isto não tenta menosprezar os heroicos e nobres esforços dos abolicionistas. Não existe uma contradição entre mudar as leis e as instituições que dirigem a vida as pessoas, e mudar a forma em que as pessoas se conduzem com os demais dentro do marco destas leis instituições. Os dois enfoques são complementares, não alternativos. Mas quando é necessário escolher onde investir tempo e energias, não há dúvidas que a preferência que se vê no Novo Testamento se inclinam pelo último.

5. A influencia social do cristianismo na história

Como já mencionei, durante a maior parte da era cristã, a Igreja se identificou tanto com as estruturas e instituições da sociedade que "perdeu sua qualidade de sal" e sua habilidade de transforma-la, pelo menos de maneira radical prevista por seus fundadores. Na realidade se identificou tanto com o "establishment" que se via com frequência representando e defendendo os interesses dos poderosos e privilegiados contra os pobres e oprimidos.

A postura radical ante militarista e com um enfoque internacional da Igreja primitiva também quase desapareceu. Muito da hostilidade contra os cristãos por parte do Império Romano se devia a que eles se recusavam a reconhecer sua demanda de suprema lealdade e sua falta de disposição em se posicionar em sua defesa. Eles se consideravam membros de um Reino transnacional e com a obrigação de amar a todos os homens, o que naturalmente se interpreta como incompatível mata-los.²⁵ Mas logo do "compromisso constantino" essa posição logo desapareceu, já que a Igreja cada vez foi identificando mais os objetivos do Império Romano "cristão" e encontrando uma justificação teórica, primeiro, para a "guerra justa" (Ambrosio, Agustín) e logo para as "Cruzadas" que constituíram uma guerra de agressão e as vezes extermínio dos dissidentes, os "hereges" e os "infiéis" (não devemos esquecer que as Cruzadas se levaram a cabo não só para conquistar a "Terra Santa", mas também para exterminar os "hereges" no sul da França e em outros lugares da Europa).

Até depois da Reforma e outras extensões graduais da liberdade religiosa, os “marginais” ou dissidentes cristãos que rejeitavam o compromisso com o establishment político, estavam tão absorvidos pela mera sobrevivência pela simples proclamação do evangelho como para ter tempo para dedicar as questões de como relacionar-se com a sociedade secular e influencia-la. Além disso, o grosso da Reforma não questionava a associação entre a Igreja e o Estado: o princípio de *cuius régio, eius religio* foi o preço a pagar pela proteção dos governantes durante a Inquisição. Por consequência, a fronteira entre a “Igreja” e o “mundo” continuava sendo turva, ainda para grande parte do nascente movimento evangélico, que florescia tanto dentro (puritanos, pietistas, metodistas) como fora (independentes, batistas, anabatistas, irmãos livres, pentecostais...) das denominações protestantes estabelecidas.

Foi só com o crescimento do secularismo, que deu começo com o Iluminismo e a Revolução Francesa e tem continuado até o dia de hoje, que a questão da reação da Igreja com a sociedade secular se voltou a apresentar dentro de um marco mas bíblico. O século vinte e um, portanto, nos oferece uma oportunidade histórica de repensar e redefinir essa relação.

6. Algumas áreas que implicam o desafio

Ao concluir este estudo, permita-me sugerir algumas áreas nas quais os cristãos do século vinte e um deveríamos levar mais a sério o desafio que nos apresenta a mensagem radical do Reino enquanto a suas implicações sociais, enquanto continuamos dando prioridade máxima ao Reino “dentro” ao poder libertador e transformador da Palavra e do Espírito de Cristo.

É claro que o grau e natureza de tal compromisso varia de um modo significativo entre um crente e outro. Alguns podem ter sido chamados para participar ativamente de um ou outra área, enquanto que outros provavelmente participem só de maneira marginal.

A. O desafio da pobreza. Como temos visto, os profetas do Antigo Testamento foram incansáveis enquanto a denunciar a opressão e a injustiça aos pobres e aos socialmente indefesos. “Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhantes?”²⁶

Hoje vivemos debaixo de um sistema em que todo o equilíbrio econômico entre o Primeiro e o Terceiro Mundo gire a favor do primeiro. As causas são variadas e complexas, mas incluem os transtornos e a destruição que provocam as guerras, a corrupção, a má administração e a “kleptocracia”, mas também a erança acumulada de opressão colonialista, de exploração, de tráfico de escravos e outras coisas. Ocidente segue prosperando sobre o capital acumulado através desses meios durante os séculos passados, e continua usando seu poderio econômico, sua exportação de armas, e outros meios semelhantes que lhe permitem reforçar e ainda ampliar suas vantagens. Se hoje nos perguntarmos como foi que as gerações passadas de cristãos aceitaram a escravidão como uma parte normal da vida, talvez as gerações futuras se perguntem como podemos tolerar tamanha injustiça econômica e ainda nos beneficiar dela.

Possivelmente uma das passagens do Novo Testamento que mostra o maior desafio nesta campo é o que Paulo esboça sua visão sobre a ajuda econômica mutua entre os cristãos de diferentes países: “Porque não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga, mas para que haja igualdade, suprimindo a vossa abundancia, no presente, a falta daqueles, de modo que a abundancia daqueles venha a suprir a vossa falta, e, assim, haja igualdade.”²⁷ Como seria este tipo de

“igualdade” hoje, por dizer algo, entre os cristãos de Canadá e Ruanda? Ou entre os de Suécia e Índia?

Obviamente, a gravíssima iniquidade econômica que prevalece hoje também constitui a causa principal do “problema” da imigração (tanto legal como ilegal) nos países de Ocidente. A maior parte das pessoas preferem dentro de ambiente que lhes são familiar e nos quais nasceram, se somente contar com a possibilidade de ganhar a vida de maneira decente para si mesmo e para sua família. Apesar de, dado que a imigração massiva existe (e provavelmente continuara até que se reestruture drasticamente a distribuição global das riquezas), nós cristãos temos a responsabilidade de manifestar os valores do Reino fazendo tudo o possível, ao menos dentro do marco da lei, por recebe-los e ajuda-los.

Pessoalmente creio que temos que levar mais a sério o chamados que nos fazem os pensadores como Ronald J. Sider²⁸ aos cristãos das nações Ocidentais ricas a efetuar uma “redução”, adotando um estilo de vida mais simples e econômico e assim poder liberar recursos para aqueles que estão em necessidade, sejam cristãos ou não cristãos (e ao mesmo tempo apresentar um testemunho prático, em meio a uma sociedade entregue ao culto a Mamóm, acerca de que “não só de pão viverá o homem”). Também o movimento “Fairtrade” [Comercio Justo] iniciado por cristão do tipo que estão a cargo de “TEAR Fund” [Fundação TEAR] por sua preocupação acerca das vítimas da injustiça econômica, merecem o apoio e o compromisso de muitos outros cristãos. Ao mesmo tempo, as Igrejas do Terceiro Mundo deveriam promover projetos de desenvolvimento econômico e de confiança neles mesmo dentro de sua esfera de influencia, que permitisse aos cristãos assumir uma liderança e estabelecer um exemplo de trabalho esforçado e honesto, e uma prática comercial sólida.

B. Casamento e vida familiar. No Ocidente pós cristão e pós moderno, o modelo bíblico de casamento monogâmico que dura toda a vida, a castidade extramarital, as funções do homem e da mulher, e o respeito pelos pais são coisas que tem sido abandonadas (no grau que sempre foram praticadas). Os cristãos e as Igrejas necessitam ensina-las intensamente e prestar um apoio prático para ajudar aos cristãos a viver este modelo através dos recursos que prove os Espírito Santo desde dentro, e com isso demonstrar a realidade do Reino através da “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” que se torna visível nas relações que acontecem dentro da família.

C. O Reino no lugar de trabalho. Ainda que a escravidão ainda existe só de um modo marginal, os princípios expressados na Bíblia em quanto a relação entre amos e escravos (ver mais acima) seguem vigentes em sua maior parte em quanto a relação entre empregadores e empregados. Os empregadores cristãos não podem fazer da maximização de seus benefícios o objeto principal, mas sim a busca da excelência no serviço aos seus clientes e da justiça da maneira em que tratam seus empregados, como gente criada a imagem de Deus, e cujo valor ante seus olhos fica demonstrada pelo feito de que deu Seu único Filho para morrer por eles. O Novo Testamento dirige palavras muito fortes aos empregadores gananciosos e exploradores, que continuam sendo muito relevantes hoje: “Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão. As vossas riquezas estão corruptas, e as vossas roupagens, comidas de traça; o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos

ouvidos do Senhor dos Exércitos. Tendes vivido regaladamente sobre a terra; tendes vivido nos prazeres; tendes engordado o vosso coração, em dia de matança;²⁹

D. Injustiça e opressão. As Escrituras nos exortam: “Lembra-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fosseis os maltratados.”³⁰ Em primeira instancia a referencia é aos cristãos perseguidos por sua fé, e ao menos é tão pertinente hoje, como quando foi escrita. Mas não deveríamos nos preocupar por outras vítimas de perseguição, violência e prisão injusta? Tem muito testemunho na Bíblia em quanto ao que Deus certamente se preocupa.

E. Investimentos éticos. Muitos cristãos nem sequer se perguntam o que fazem com sua poupança, com os fundos de suas pensões privadas e com outros investimentos. Apesar disso, se nosso dinheiro se utiliza para financiar o trafico internacional de armas, a produção e venda de tabaco, e outras atividades econômicas questionáveis, não nos deveria preocupar?

F. O cuidado do mundo de Deus. Lamentavelmente, os pagãos e os que aderirem a Nova Era com frequência são mais ativos em quanto a suas causas ambientais, do que os cristãos. Apesar disso, Deus encomendou a Terra para a administração do ser humano, para a “lavar e cultivar”³¹ (expressão que desafortunadamente algumas vezes tem sido interpretada pelos cristãos como “para explorá-la e saqueá-la”). Os cristãos deveriam colocar suas prioridades dos esforços responsáveis por conservar e proteger a Terra, seus recursos e todas as criaturas viventes que nela habitam, que tem sido criado por Deus e declarado originalmente como “muito bom”. Pelo qual, os cristãos que creem em uma criação individual das diferentes classes de seres viventes tem muitas razões para estar preocupados por sua proteção que os evolucionistas, que em seu materialismo creem que a extinção das espécies e sua substituição por outras de evolução recente forma parte da ordem natural das coisas. Se Deus criou as diversas classes de seres e logo descansou de sua tarefa criativa, uma vez que elas se perdem, nunca podem ser substituídas.

Indiscutivelmente existem muitas outras áreas que poderíamos mencionar. Mas tenho a esperança de que as que temos mencionado aqui nos levem a uma reflexão produtiva, a um debate, e talvez a uma compreensão maior da função e das responsabilidades que lhes cabem aos filhos do Reino eterno em meio a um mundo caído, de modo que estamos “esperando ansiosamente a vinda do Dia de Deus”³² Venha Teu Reino Senhor, e seja feita Tua vontade assim na Terra, como é no Céu.

1 Lucas 24.19 ; Romanos 15.18

2 2 Corintios 4.18

3 Ver, por exemplo, Mateus 13.38 ; João 17.11 ; João 17.14-15 ; 1 João 2.15-17

4 E. g. 1 João 5.19 ; 1 Corintios 2.21 ; Ver o excelente estudo de Watchman Nee, Love not the World [não ameis o mundo], Victory Press, Londres, 1968

5 Atos 2.40

6 João 17.15-18 ; Filipenses 2.15-16

7 Colossenses 3.1

8 Cf. Mateus 5.13

9 Apocalipse 11.15

10 Apocalipse 12.5 ; ver também 2.27 e 19.15

11 Mateus 22.39 e paralelos ; Gálatas 6.10

12 Romanos 14.17

13 Isaias 1.17 O livro de Amós se encontra particularmente saturado deste tema, mas uma boa parte de todos os escritos proféticos tem se dedicado a exortação a exercitar a justiça e a compaixão aos pobres, as viúvas, os órfãos, e aos imigrantes estrangeiros.

14 Tiago 2.26 ; ef. Mateus 5.16

15 Apologeticum 39,7

16 Mateus 5.13-14

17 Marcos 10.42-44 ; ef. 1 Pedro 5.2-3

18 1 Corintios 7.20-22

19 Efésios 6.6-7 ; Colossenses 3.22-23

20 1 Pedro 2.18-21

21 Efésios 6.9 ; Colossenses 4.1 ; Gálatas 3.28 ; 1 Corintios 12.13

22 Filemom 18-19

23 Os arqueólogos tem escavado e encontrados ferros de marcar desenhos para queimar a pele com textos tais como: "Se você me encontrar, me arraste e me devolva ao meu amo"

24 Filemom 16-17

25 É interessante, e talvez significativo, notar que uma rejeição semelhante da violência militar foi adotado por distintos movimentos cristãos radicais de renovação através de toda a história, tais como os quaqueros, a maior parte do movimento pentecostal negro nos EUA e na Igreja Apostólica (galega)

26 Isaias 58.6-7

27 2 Corintios 8.13-14

28 Ronald J. Sider, Rich Christians in an Age of Hunger [Cristãos ricos em uma época de fome], InterVarsity Press 1997

29 Tiago 5.1-5

30 Hebreus 13.3

31 Genesis 2.15

32 2 Pedro 3.12 (NVI)